



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO**

**CLARA FERNANDES MADRUGA**

**JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA  
SISTÊMICA E DE CONTINUIDADE NO JORNAL NACIONAL**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

CLARA FERNANDES MADRUGA

**JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA  
SISTÊMICA E DE CONTINUIDADE NO JORNAL NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de Comunicação  
Social, Curso de Jornalismo, da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Verônica Almeida de Oliveira Lima

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M183j Madruga, Clara Fernandes.  
Jornalismo e meio ambiente [manuscrito] : uma análise sob a perspectiva sistêmica e de continuidade no Jornal Nacional / Clara Fernandes Madruga. - 2022.  
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima , Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Jornalismo especializado. 2. Jornalismo ambiental. 3. Telejornalismo. 4. Jornal Nacional. 5. Meio ambiente. I. Título

21. ed. CDD 070.4

CLARA FERNANDES MADRUGA

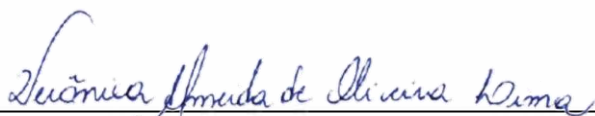
JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA  
SISTÊMICA E DE CONTINUIDADE NO JORNAL NACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento de Comunicação  
Social, Curso de Jornalismo, da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

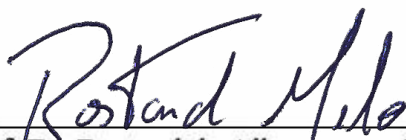
Área de concentração: Produção Jornalística.

Aprovada em: 23/03/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof./Dr. Rostand de Albuquerque Melo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Ada Keesa Guedes Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO ESPECIALIZADO E JORNALISMO AMBIENTAL</b> .....	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA AGENDA DOS PROBLEMAS AMBIENTAIS DO SÉCULO XXI</b> .....	<b>13</b>
<b>3.1</b>	<b>Reverberações e acordos numa tentativa de frear o intangível</b> .....	<b>13</b>
<b>3.2</b>	<b>O telejornalismo como um dos meios à conscientização ambiental</b> .....	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>16</b>
<b>4.1</b>	<b>Procedimentos Metodológicos</b> .....	<b>16</b>
<b>4.1.1</b>	<i>Breve história do Jornal Nacional</i> .....	<b>17</b>
<b>4.2</b>	<b>Apresentação, descrição e análise dos dados</b> .....	<b>18</b>
<b>4.2.1</b>	<i>Primeira Semana (1 a 6 de novembro de 2021)</i> .....	<b>18</b>
<b>4.2.2</b>	<i>Segunda Semana (15 a 20 de novembro de 2021)</i> .....	<b>19</b>
<b>4.2.3</b>	<i>Terceira Semana (7 a 12 de fevereiro de 2022)</i> .....	<b>21</b>
<b>4.2.4</b>	<i>Análise dos períodos observados</i> .....	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>27</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ANÁLISE</b> .....	<b>31</b>

## JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA SISTÊMICA E DE CONTINUIDADE NO JORNAL NACIONAL

Clara Fernandes Madruga<sup>1</sup>

### RESUMO

Configurando-se a existência de uma interdependência entre o ser humano e a natureza, o presente artigo procura descrever e compreender como o telejornalismo, em particular o Jornal Nacional (JN), vem abordando e contribuindo para a exposição de temas voltados para a pauta ambiental. Para isto, é incorporado o estudo de caso, sendo analisados os períodos compreendidos entre 1 e 6 de novembro de 2021, 15 e 20 de novembro de 2021 e 7 e 12 de fevereiro de 2022, tendo a primeira semana ocorrendo simultaneamente à realização da COP-26, implementando a utilização de um roteiro de observação para padronizar a análise de cada edição do telejornal. Pressupostos conceituais apresentados por Bueno (2007, 2015) promovem um panorama reflexivo entre o jornalismo especializado e o jornalismo ambiental (JA). Loose e Girardi (2017) também contribuem para um entendimento mais crítico a respeito da responsabilidade social atribuída ao JA. Verificou-se que a pauta ambiental foi ao ar em todas as edições analisadas e que o noticiário, embora ainda apresente fragmentação em certas abordagens da sua cobertura, consegue também exibir reportagens que carregam consigo alguns dos pressupostos básicos do JA, evidenciando a reflexão às causas, consequências e soluções dos problemas.

**Palavras-chave:** Jornalismo especializado. Jornalismo ambiental. Meio ambiente. Pautas ambientais. Telejornalismo.

### ABSTRACT

Configuring the existence of an interdependence between the human being and nature, this article seeks to describe and understand how telejournalism, in particular the Jornal Nacional (JN), has been addressing and contributing to the exhibition of themes focused on the environmental agenda. For this, the case study is incorporated, analyzing the periods between November 1-6, 2021, November 15-20, 2021, and February 7-12, 2022, the first week occurring simultaneously with cop-26, implementing the use of an observation script to standardize the analysis of each edition of the news. Conceptual assumptions presented by Bueno (2007, 2015) promote a reflective panorama between specialized journalism and environmental journalism (JA). Loose and Girardi (2017) also contribute to a more critical understanding of the social responsibility attributed to JA. It was found that the environmental agenda was aired in all editions analyzed and that the news, although still presenting fragmentation in certain approaches of its coverage, can also display reports that carry with them some of the basic assumptions of ja, evidencing the reflection to the causes, consequences and solutions of the problems.

**Keywords:** Specialized journalism. Environmental journalism. Environment. Environmental agendas. Telejournalism.

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: clara.madruga@aluno.uepb.edu.br.

## 1 INTRODUÇÃO

Nunca foi tão urgente falar sobre o meio ambiente e a cada dia que passa, o grau de emergência vai se elevando. Não apenas sobre a intensidade dos alertas, mas também referente ao que os cientistas chamam de aquecimento global e os impactos causados pelo superaquecimento da temperatura média do planeta. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, sigla em inglês), órgão vinculado à Organização das Nações Unidas, a partir da divulgação científica dos seus relatórios, já advertiu a todos que, caso a Terra ultrapasse a marca de 1,5°C acima dos níveis pré-industriais, os fenômenos meteorológicos extremos serão mais intensos, tornando-se cada vez mais difícil viver, quando não impossível, em certas áreas do mundo<sup>2</sup>.

É comum que muitas pessoas ainda cultivem o pensamento de posse e soberania sobre a natureza, ao posicioná-la em um local de servidão, de que ela só está neste patamar para ceder aos caprichos humanos. Equivocam-se aqueles que não reconhecem a interdependência existente entre o ser humano e a natureza e como atitudes negativas interferem nesta relação, negligenciando suas ações em razão de um modelo de vida considerado inviável, insustentável e fomentador de péssimas práticas que só agravam, em maior ou menor quantidade, a situação do planeta.

No princípio, o jornalismo voltado para o meio ambiente surgiu vinculado ao jornalismo científico, como uma espécie de subgênero, e depois passou a se desprender desse título, pois foi adquirindo características conceituais próprias, que divergiam em certos pontos das bases de um jornalismo voltado à ciência (BELMONTE, 2017). Sustentado pelo fato de informar com qualidade, Girardi, Steigleder e Saft (2021) salientam a responsabilidade do jornalismo ambiental (JA) estar associada, especialmente, ao processo de promover uma mudança de pensamento, fomentando uma consciência ambiental que é a favor da vida e reconhece a sistematização do meio ambiente, onde uma coisa está ligada a outra.

Tendo em vista que o jornalismo ambiental não pode ser tratado de forma superficial e fragmentada, pois se pressupõe que a ênfase na contextualização, estabelecendo uma explicitação entre causas, consequências e soluções, alicerça aqueles que o praticam, como as pautas ambientais estão sendo tratadas pelos telejornais brasileiros, especificamente o Jornal Nacional, da TV Globo?

Programa jornalístico tradicional da emissora, o JN procura veicular as principais notícias do Brasil e do mundo, portanto, trata-se de um veículo não especializado, que faz a cobertura de inúmeras temáticas relacionadas à política, saúde, esporte, meio ambiente, economia, educação, etc. Levando esse aspecto em consideração, o tratamento dado às pautas ambientais reflete aos princípios básicos do JA ou a cobertura é caracterizada pela fragmentação, em decorrência do caráter de produção abrangente do JN? Assuntos que se relacionam ao meio ambiente possuem certa frequência no plano de exibições do telejornal ou precisam ser motivados pela ocorrência de algum fator que justifique suas manifestações? Para ampliar as discussões, qual seria o papel do jornalista ambiental, enquanto comunicador?

Mediante estas inquietações, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar como esse telejornal vem abordando as pautas relacionadas ao meio ambiente. Para isto, tem a finalidade de discutir acerca da relação existente entre jornalismo especializado e jornalismo ambiental, exteriorizando pontos de vista que auxiliam na percepção de um jornalismo educador e mobilizador. Para o jornalista e professor Vilas Boas (2004, p. 8) é preciso que a imprensa tenha “um enfoque mais ativamente educacional, esclarecedor e orientador das ações do público, sem didatismos banais”. Estas discussões fornecem uma direção para compreender

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/02/1781142>. Acesso em: 14 de março de 2022.

como o telejornalismo vem contribuindo para a exposição de temas voltados à pauta ambiental, a partir do JN.

Para alcançar as propostas pretendidas, o Jornal Nacional foi submetido a um estudo de caso, a partir do recorte de três semanas, apropriando-se dos recursos disponíveis a uma pesquisa exploratória-descritiva, no intuito de investigar cada edição do telejornal exibida durante o período de análise. A coleta de dados foi feita a partir da plataforma digital de *streaming* da Globo, a Globoplay, e a descrição e análise deste material foi guiada por um roteiro de observação<sup>3</sup>, que buscou estabelecer um padrão norteador para testar, na prática, as hipóteses e problemáticas que provocaram a realização da presente pesquisa acadêmica.

## 2 RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO ESPECIALIZADO E JORNALISMO AMBIENTAL

No âmbito dos estudos comunicacionais referentes ao jornalismo, entende-se que a década de 1990 foi expressiva, pois várias linhas de pesquisa começaram a surgir, principalmente no Brasil, e isso ocorreu principalmente pela grande influência marcada pelas obras do professor e pesquisador Nelson Traquina (BARBOSA, 2012). Traquina já ponderava que o jornalismo era mais abrangente, complexo e diversificado, muito mais do que a forma como ele era caracterizado na época, apenas pelo “domínio técnico”, e os jornalistas, aquém da discussão, não poderiam ser tratados e condicionados ao título de “meros empregados” ou “trabalhadores contratados” (TRAQUINA, 2005, p. 22).

Tal percepção é construída pelo autor a partir da forma como o jornalismo se desenvolveu ao longo dos anos, do modo como a área criara e estruturara a sua própria identidade, denominada por Traquina (2005, p. 126) como o “*ethos*” jornalístico e, especialmente, em consequência das rotinas pelas quais os jornalistas estavam vinculados. Pois, ainda que os profissionais estivessem pressionados pelo tempo para fechar o jornal e também sujeitos aos seus superiores, ou seja, à hierarquia dentro de uma redação, era alcançado, de certa forma, alguma maneira de se reinventar e fazer uso da “criatividade”, mesmo que de modo limitado, por isso a profissão era considerada pelo pesquisador Traquina (2005, p. 22) como uma “atividade intelectual”.

Não por acaso, o *ethos* jornalístico se tornou motivo de grandes discussões. Em uma de suas obras, Traquina (2005, p. 129) explicou que, fundamentado na teoria democrática, “o jornalismo [...] deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações”.

Em seus estudos, o autor também relatou que o jornalismo possui um histórico com duas personalidades distintas. Durante muito tempo, ele foi visto como propagador de um viés mercadológico, ou seja, funcionava como uma esfera de propaganda para o interesse de uma minoria elitizada, como políticos ou empresários, onde a informação, isto é, a notícia, era considerada apenas como mercadoria. Porém, o jornalismo também era tido e procurado como um meio de munir a população com informações que se tornassem uma barreira frente a quaisquer tentativas de repressão e/ou enganação pelos poderosos. Portanto, para Traquina (2005, p. 47-48), a “legitimidade jornalística” está respaldada na teoria democrática, pois assume o papel de ser um “contrapoder” e “Quarto Poder”, onde os profissionais desta área atuam como “vigilantes do poder político” e também “porta-vozes da opinião pública”, sendo assim, “os jornais eram vistos como um meio de exprimir as queixas e injustiças individuais e como uma forma de assegurar a proteção contra a tirania insensível” (TRAQUINA, 2005, p. 47).

---

<sup>3</sup> Roteiro disponível nos apêndices, p. 31.



De acordo com o jornalista e professor Eugênio Bucci (2001), o jornalismo, por si só, também possui um comprometimento com a ética, ao trabalhar com a notícia não apenas como algo novo, mas, sim, de uma forma que afeta diretamente a vida das pessoas.

O jornalismo não lida prioritariamente, portanto, com a “divulgação” de relatos. Ao contrário, sua justificativa é descobrir segredos que não se quer divulgar. Seu objeto primordial não é difundir aquilo que governos, igrejas, grupos econômicos ou políticos desejam contar ao público, embora também se sirva disso, mas aquilo que o cidadão quer, precisa e tem o direito de saber, o que não necessariamente coincide com o que os outros querem contar (BUCCI, 2001, p. 42).

E quanto mais inserida estiver a democracia na sociedade, segundo Bucci (2001), maiores serão as cobranças e expectativas na imprensa, pois, para além de meramente levar a notícia ao público, o jornalismo também se vê sujeito às demais necessidades do cidadão, afinal o jornalismo dispõe de uma responsabilidade social e essa sociedade procura entender de que maneira o jornalista apurou e teceu as informações.

Então, este elo citado pelo autor permite ao jornalista trabalhar à favor da vida, ou seja, em prol daquilo que concerne aos direitos humanos, o que o coloca distante de uma perspectiva neutra e imparcial. E mais do que o comprometimento com a melhoria da sociedade e da qualidade de vida, também compete às práticas jornalísticas abrir espaços de debates, pluralidade e meios de acesso ao conhecimento (BUCCI, 2001).

Gerando um debate entre os intelectuais, o jornalismo enquanto forma de se alcançar conhecimento também se tornou objeto de estudo para o pesquisador Eduardo Meditsch (1997), em que é explicado a complexidade envolta neste assunto e demonstra os diferentes tipos de abordagens já feitas por outros pesquisadores.

Na perspectiva de Meditsch, por exemplo, é levantada a discussão daquilo que fundamenta o jornalismo com o propósito de ser um meio de conhecimento. Para isso, é preciso se ater ao que há de peculiar e o que é possível ser proporcionado, isto é, além de toda a comunicabilidade característica da área, o que permite um melhor entendimento daquilo que está sendo transmitido, da mesma forma é atribuído ao jornalismo o fato de que ele “não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais” (MEDITSCH, 1997, p. 3).

Meditsch (1997) também procurou considerar algumas problemáticas associadas ao jornalismo enquanto forma de conhecimento. Para o autor, situações como a falta de noção do público referente ao processo de apuração e edição das notícias, ou seja, o que é conversado internamente para ser veiculado e o que será descartado, a pressão sofrida pelas rotinas jornalísticas, a necessidade de publicação imediata e, em alguns casos, o espetáculo exacerbado no modo de divulgar a notícia, são mencionadas pelo pesquisador como certas limitações da profissão.

Entretanto, o autor também verificou que o jornalismo está ancorado, em procedimentos teóricos, como meio de conhecimento através de estudos “nas áreas da epistemologia, teoria do discurso, sociologia do conhecimento e psicologia da cognição, disciplinas que possuem um respeitável embasamento científico e filosófico” (MEDITSCH, 1997, p. 11), e ainda ponderou o lado prático da atividade, onde é preciso intensificar os critérios da qualidade deste profissional.

Considerar o jornalismo como modo de conhecimento implica também em aumentar a exigência sobre a formação profissional dos jornalistas, que deixam de ser meros comunicadores para se transformarem em produtores e reprodutores de conhecimento (MEDITSCH, 1997, p. 12).

Esta concepção recebe uma maior atenção quando é trazida para discussão o que corrobora com o alicerce do jornalismo especializado. Através de uma revisão de literatura, Frederico Tavares (2012) demonstra que essa área, embora possua registros históricos datados em meados da primeira metade do século XX<sup>4</sup> nos Estados Unidos, começou a ter uma maior incidência e relevância a partir dos anos de 1950. Isso ocorreu, principalmente, devido a um público cada vez mais segmentado, em busca de informações não tão gerais, mas com melhor qualidade e aprofundamento (TAVARES, 2012).

O jornalismo especializado exige do jornalista um maior nível de conhecimento referente à temática trabalhada, onde muitos destes profissionais procuram uma capacitação para que se possa compreender conceitos e aprimorar a cobertura da área em que estão inseridos (BUENO, 2015). Esta formação específica possibilita ao jornalista apurar seu discernimento para ser mais criterioso quanto a suas fontes, não ser um total dependente de seus discursos e conseguir avaliar o jogo de interesses que possam vir a existir, e também não se atendo tão somente às vozes de especialistas, consideradas fontes oficiais, mas tendo a sensibilidade de incluir mais indivíduos, podendo amplificar e diversificar o debate (BUENO, 2015).

Lima (online) acredita que “aliada às melhores concepções éticas e políticas, a especialização é uma garantia de um jornalismo a serviço da população”. Ao considerá-lo como um jornalismo que difere daquele mais generalista, o pesquisador Wilson Bueno (2015) traz uma definição sobre jornalismo especializado, o posicionando como

A prática profissional e também a subárea de estudos e pesquisas em Jornalismo que contemplam o processo de produção jornalística voltado para a cobertura qualificada de temas específicos. Ele se manifesta a partir de fontes reconhecidas como competentes e autorizadas em determinadas áreas de conhecimento, e pela apropriação de um discurso especializado, que incorpora termos e expressões comuns (e muitas vezes exclusivos) dessas áreas. Na maioria dos casos, o Jornalismo Especializado se localiza em espaços (páginas, cadernos, programas, portais etc.) determinados, seja como resultado do trabalho individual de profissionais (jornalistas ou não) capacitados para exercê-lo, seja como fruto do trabalho de um grupo de profissionais, reunidos em editorias específicas (BUENO, 2015, p. 283).

Bueno (2015) também reflete sobre o que os críticos argumentam a respeito do jornalismo especializado, afirmando que o que sustenta a especialização já é de praxe do jornalismo, ou seja, não tem nada de novo.

Entretanto, o pesquisador reitera que dificilmente haja muitos jornalistas que deem conta de todos os novos acontecimentos e/ou avanços que competem às diversas “áreas do conhecimento” e que o jornalista precisa estar bem capacitado para não ser apenas um tradutor do que dizem os especialistas, mas que saiba contextualizar todas as nuances do que está sendo discutido, criando-se “um novo discurso em que ele se insere inquestionavelmente”, democratizando a informação o máximo possível para os diferentes públicos (BUENO, 2015, p. 291).

Ao citar Moral e Ramírez (1993) em sua tese de doutorado, Belmonte (2020, p. 70) observa que os profissionais que embarcam na jornada da especialização devem prosseguir por uma contínua formação, pois isso os levará a ter uma “abordagem em profundidade e qualidade”. E dentre as várias especializações exercidas na prática jornalística, está o Jornalismo Ambiental (JA) que, no Brasil, passou a firmar raízes após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, em 1992, o que

---

<sup>4</sup> Para o pesquisador Wilson Bueno (2015, p. 280), o jornalismo especializado pode ser considerado uma prática ainda mais antiga, anterior ao século XX, “com um número significativo de iniciativas em todo o mundo, inclusive no Brasil”.

influenciou a realização de inúmeros eventos destinados ao aprofundamento na temática ambiental (GIRARDI *et al*, 2020).

Antes de maiores explicações sobre o que compete ao JA, segundo alguns pesquisadores, deve-se deixar esclarecido o que se entende, hoje, por Meio Ambiente, e o que pode ser extraído a partir daí. Para este artigo, foi incorporada à definição pregada pelo jornalista e professor Wilson da Costa Bueno (2007), a qual reconhece que o:

Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia, etc.) (BUENO, 2007, p. 35).

Em outras palavras, o debate não trata apenas da visualização de animais e/ou florestas como possíveis abordagens, mas gira em torno dos elementos que se percebem dentro do meio, inclusive seres humanos. A forma em que tudo está interligado e conectado, por isso é necessário ser trabalhado na população um novo despertar para a conscientização ambiental e saber identificar como um elemento interfere no outro (TEIXEIRA, 2012). Conforme elucida o jornalista André Trigueiro (2003)<sup>5</sup>, “trata-se de um assunto tão rico e vasto que suas ramificações atingem de forma transversal todas as áreas do conhecimento” (TRIGUEIRO, 2003 *apud* TEIXEIRA, 2012, p. 3).

Quem também contribui com essa discussão é o jornalista e biólogo Eduardo Geraque (2004, p. 79-80), colocando em questão que se o jornalista ambiental pretende “enxergar o problema com todas as suas nuances e transversalidades”, ele precisa “mergulhar no assunto”, não se conter com as fontes oficiais e limitadas ou ter a visão de um mero espectador, mas, sim, saber tecer os fatos e opiniões, com uma perspectiva sistêmica, sem recortes ou fragmentos.

De acordo com Bueno (2007, p. 36), o JA deve ser tratado, primeiramente, como jornalismo e “deve ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate [...] deve estar sintonizado com o pluralismo e a diversidade”.

Os pesquisadores Girardi, Schwaab, Massierer e Loose (2012, p. 137), em um estudo conjunto, identificam a ausência de um consenso que venha a definir e conceituar o JA, mas destacam que ele “extrapola a ideia de ser uma cobertura centrada nos assuntos de meio ambiente. A concepção é outra, independente, baseada na pluralidade de vozes e na visão sistêmica, para além de uma cobertura factual ou programada”. Assim, pode-se entender que o JA, embora centrado em uma temática, também circula por inúmeras editorias.

O jornalismo ambiental anseia por um conceito que extrapole o do jornalismo científico tradicional (comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica que tem privilegiado a continuidade das suas pesquisas, sem contextualizar as suas repercussões), que não se confunda, em nenhuma hipótese com o jornalismo econômico (impregnado pelo canto de sereia do modelo agroexportador, da revolução tecnológica a qualquer preço e da apologia das aplicações rentáveis do capital financeiro) e que não se apóie em um jornalismo cultural, quase sempre tipificado pelo diálogo surdo das elites (BUENO, 2007, p. 36).

Ainda segundo o autor, o jornalismo ambiental precisa ser "engajado", "inter e multidisciplinar" e não pode ser fragmentado, tendo o jornalista ambiental assumido o

---

<sup>5</sup> André Trigueiro é repórter do Jornal Nacional e também está inserido na escalada de apresentadores do telejornal aos sábados.

compromisso de ser "parcial" e "consciente", pois é um profissional comprometido com a "luta pela qualidade [...] da vida", ou seja, "ele será militante sempre" (BUENO, 2007, p. 36)

O conceito de jornalismo engajado, educador e transformador também é defendido pelo jornalista Roberto Villar Belmonte (2004, p. 35), ao ponderar que o "jornalismo ambiental não pode ser apenas informativo, tem de estar engajado em um modelo de vida sustentável do ponto de vista ecológico e social".

Em vista disso, é importante ressaltar a importância em se ter jornalistas capacitados e comprometidos não apenas em produzir e reproduzir informações sobre o meio ambiente, mas também ser um profissional consciente de seu papel na sociedade como comunicador e formador de opinião.

O jornalista ambiental pode exercer um papel de agente transformador. Sendo assim, a informação precisa ser bem trabalhada, contextualizada, comunicada e adquirindo uma percepção holística, pois é através dela que a população toma ciência dos seus direitos e deveres, reconhecendo a interdependência entre os fenômenos que compõem o meio, o que corrobora com iniciativas para encontrar soluções aos problemas enfrentados pelos cidadãos, buscando uma melhor qualidade de vida (LOOSE, 2012,).

Para Bueno (2007), o jornalismo ambiental desempenha três importantes funções: a informativa, que diz respeito às necessidades que as pessoas têm de se informar e estar em dia com os temas centrais que englobam o meio ambiente, tendo em vista que o modelo de vida adotado por elas afeta direta ou indiretamente o meio ambiente; a pedagógica, que parte da ideia de explicar as causas e também as soluções para os problemas ambientais e a forma para lidar com isto, considerando a participação ativa da população; e a política, onde os interesses ambientais estariam em primeiro plano, tornando as pessoas um importante fator para contrapor qualquer medida que possa agravar ainda mais a situação do planeta, isto é, monitorando e confrontando os governantes, que articulam e impõem propostas que privilegiam os interesses de poucos, comprometendo a vida de muitos.

Há quem não reconheça a importância e o valor atribuído ao campo de estudos que concerne ao jornalismo ambiental, o situando como uma forma de difundir interesses pessoais ou até mesmo o segmentando a mais uma simples categoria, ignorando a sua capacidade de alcançar e semear uma nova consciência, contribuindo com a mudança de inúmeras realidades (BUENO, 2007). Conforme o que foi descrito e dado a sua importância, se faz relevante reiterar que o jornalismo voltado às temáticas ambientais não pode estar retido especificamente a cobrir grandes desastres ambientais, mas é fundamental compreender que o meio ambiente é diverso e promove inúmeras possibilidades de ser pautado. (BUENO, 2007).

Vale ressaltar que o jornalista ambiental precisa pensar de modo a sair do comodismo, se desprender da tática de apenas se preocupar em responder o famoso *lead*, segundo o que defende o jornalista e professor Michael Frome (2008), é preciso "pensar no todo, com amplitude e perspectiva". A forma de construir a cobertura sobre as temáticas ambientais pelos veículos de comunicação ainda precisa ser melhor incorporada e isso vem sendo tratado em estudos brasileiros, embora de modo ainda fragmentado, principalmente sobre como as mudanças climáticas vêm sendo discutidas no cenário jornalístico brasileiro. (LOOSE E GIRARDI, 2017).

Assim, o exercício das práticas do jornalismo ambiental pode fomentar um olhar de autorreflexão para a sociedade sobre as suas atitudes, onde ela se perceba não como soberana da natureza, perpetuando um estilo de vida explorador e insustentável, mas que se reconheça como parte integrante dela, ao incorporar-se parte do meio ambiente, pois é isto que ela é. Então, para reiterar a mobilização necessária ao assunto, é preciso destacar alguns pontos da atualidade que contribuem para um melhor entendimento da emergência da quebra deste modelo de vida vigente, considerado como "ecologicamente predatório, socialmente perverso e politicamente injusto". (TRIGUEIRO, 2011, online).

### 3 MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA AGENDA DOS PROBLEMAS AMBIENTAIS DO SÉCULO XXI

#### 3.1 Reverberações e acordos numa tentativa de frear o intangível

As ações humanas, de certa forma, sempre interferiram no curso natural da terra, porém, nas últimas décadas, os níveis de transgressão aumentaram significativamente, principalmente devido ao avanço industrial, o que agravou ainda mais a quantidade dos gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera, segundo o que foi analisado pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) (LOOSE E MORAES, 2018). Enchentes históricas, queimadas como nunca antes vistas, ondas de calor, derretimento das calotas polares, períodos de seca e estiagem prolongados eram sentidos em diferentes partes do mundo (BUENO, 2013), o aquecimento global já começava a se tornar um tema inquietante para os vários segmentos da sociedade.

Segundo Loose e Moraes (2018, p. 114), estes “fenômenos”, que se registravam pelo mundo, resultaram num “maior interesse político, científico e econômico no debate sobre quais seriam os efeitos das mudanças climáticas”. Em razão disso, ocorreram vários encontros realizados em diversos países ao longo das últimas décadas. A começar pela Suécia, que, em 1972, sediou a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, que ficou popularmente conhecida como a Conferência de Estocolmo (COLOMBO, 2010). Não por acaso, após esse evento, “as questões ambientais começaram a aparecer com maior frequência na imprensa internacional” (VILLAR, 1997). Embora a conferência tenha acontecido em um clima de tensão, envolvida em determinadas divergências entre os líderes governamentais, ainda deixou significativos avanços (DIAS, 2017).

De acordo com o autor:

Apesar dos conflitos, motivados pelos interesses econômicos dos países participantes, esse evento é considerado como um marco de fundamental importância no processo de internacionalização do debate e divulgação dos problemas relacionados ao meio ambiente. Também houve o fortalecimento do papel das ONGs (organizações não governamentais) voltadas à proteção ambiental, o que impulsionou muitas destas entidades em direção a um contexto de maior destaque nas décadas seguintes. (DIAS, 2017, p. 11).

Para Loose e Moraes (2018), um avanço significativo acordado entre as nações ocorreu na França, em 2015. Assinado por 195 países durante a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP-21), o Acordo de Paris foi essencial para estabelecer metas entre os países para não permitir que a temperatura média da Terra ultrapasse os 1,5°C acima dos níveis pré-industriais, através da redução da emissão dos gases de efeito estufa (GEE). Ou seja, conforme explicam as autoras, o principal objetivo do Acordo de Paris "foi fortalecer a resposta global à mudança climática, reforçando a capacidade dos países em lidar com os impactos do fenômeno" (LOOSE E MORAES, 2018, p. 116).

Em termos de normatização, de detalhamento das obrigações de cada país, de definição de metas quantificadas de redução, métrica para o cumprimento das metas de redução e dos necessários aportes financeiros que os países desenvolvidos farão para que os países em desenvolvimento possam atingir suas metas de redução e promover as necessárias adaptações às mudanças climáticas em curso, não se pode negar que o Acordo de Paris trouxe uma lufada de esperança ao regime. (REI, GONÇALVES, SOUZA, 2017, p. 4).

Retrocedendo um pouco no tempo, conforme esclarece o pesquisador brasileiro Roberto Villar Belmonte (2017), a inserção do jornalismo ambiental no Brasil foi mais tardia se compararmos aos acontecimentos registrados em demais países pelo mundo. Na Europa, por exemplo, há registros da prática do JA no início da década de 1960, motivada pelos debates envolvendo os problemas ambientais. Ainda segundo o pesquisador, as discussões acerca de um jornalismo voltado às pautas ambientais tornaram-se mais evidentes em solo brasileiro nas últimas três décadas do século XX, quando passou a se desprender do sentido de ser um equivalente ou subgênero do jornalismo científico. Seu marco histórico se deve, principalmente, ao evento sediado no Rio de Janeiro, em 1992, oficialmente chamado de Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), mas também conhecido como ECO-92, Rio-92 ou Cúpula da Terra. Apesar de toda a tensão vigente, o encontro conseguiu gerar sucessos consideráveis, compilados em vários acordos entre os países, como a Convenção sobre Mudanças Climáticas, a Convenção sobre a Preservação da Biodiversidade, a Agenda 21, a declaração sobre florestas etc.

Na época, para o jornalista Washington Novaes (2002), a ECO-92 chegou ao fim:

como a maior reunião de chefes de Estado já vista no nosso planeta, fosse qual fosse o motivo [...] a Rio-92 é um estrondoso êxito. Acendeu refletores em todo o planeta, iluminou os problemas, obrigou a debater soluções. Ainda que estas venham menos rapidamente do que se desejaria, ninguém mais conseguirá impedi-las (NOVAES, 2002, p. 63, 66).

O debate acerca do aquecimento global está sendo considerado um assunto urgente, o relatório divulgado em agosto de 2021 pela Organização das Nações Unidas (ONU), através do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), alerta que certos danos causados pelas atividades humanas à natureza já podem ser considerados irreversíveis, então é crucial a participação integral e conjunta entre a sociedade civil, chefes de governo e empresas<sup>6</sup>.

### 3.2 O telejornalismo como um dos meios à conscientização ambiental

As pesquisadoras Loose e Girardi (2017, p. 157) pontuam que é indispensável a participação dos meios de comunicação como agentes de “mediação” para que “o trabalho científico e as decisões sócio-políticas tornem-se públicas e para que a população tenha informações para enfrentar tais riscos”. Embora seja reconhecido que o jornalismo tenha suas próprias barreiras de atuação e não alcance e influencie o público ao ponto de causar uma ampla mudança de costumes e comportamento, não se pode ignorar o seu papel ao despertar, nas pessoas, o pensamento de emergência no que diz respeito às mudanças do clima (BOYKOFF, 2011 *apud* LOOSE E GIRARDI, 2017,).

É prudente salientar que o jornalismo, ao provocar algum tipo de educação, trata-se daquela dita informal, sabendo-se, portanto, que a educação formal é função dos espaços formais de ensino, como escolas, universidades etc. (TRIGUEIRO, 2011, online). Com relação ao papel educativo desempenhado pelo jornalismo, Vizeu (2009) considera, sobretudo referente ao campo do telejornalismo, a contribuição de maneira didática para que as pessoas sejam direcionadas a compreender o entorno das suas vidas. Essa “função pedagógica” (p.80) a qual o autor se refere, é possível ser percebida principalmente no modo de trabalhar o texto que será transmitido para o público, ao se ter cuidado com a inserção de termos que serão melhor assimilados por essas pessoas e buscando formas de explicar certas conceituações, no intuito de que a comunicação seja estabelecida.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/08/1759292>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2022.

A educação voltada para o meio ambiente, ou seja, aquela que reconhece a relação sociedade-natureza e que possa vir a gerar o comprometimento com mudança de hábitos e sustentabilidade por parte da população, é tida como consequência das práticas do jornalismo ambiental, e uma das primeiras missões do exercício da profissão aponta para a qualificação das informações, tendo como base os pressupostos discutidos sobre o JA (LOOSE E GIRARDI, 2017).

Sulaiman (2011, p. 647) aponta, em suas pesquisas, a mídia como um meio de favorecer e agendar temas relacionados aos problemas ambientais, destacam-se não apenas os que se enquadram como as mudanças climáticas, grandes catástrofes e aquecimento global, mas também aqueles que estejam associados à “biodiversidade, ambientalismo, sustentabilidade, cidadania ambiental”. Ao delimitar esse parâmetro comunicativo para a televisão e acompanhando a perspectiva de Trigueiro (2008), Silva (2016) salienta que boa parte dos brasileiros têm recorrido a esta mídia em específico como a única forma para obter informação. Estes dados convergem com o resultado final da Pesquisa Brasileira de Mídia, divulgada em 2016, pela Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal<sup>7</sup>, onde é relatado que a televisão é a preferida nos lares brasileiros. A partir da realização de 15.050 entrevistas, cerca de três quartos dessas pessoas assistem diariamente aos conteúdos veiculados pela TV, sobretudo a Rede Globo.

Desde a época de sua inauguração no Brasil, na década de 1950<sup>8</sup>, a televisão terminou conquistando e despertando, progressivamente, a curiosidade das pessoas, introduzindo-se aos espaços familiares, e um dos fatores que colaborou com esta emancipação diz respeito às imagens, que, em uma sociedade acostumada a ouvir, majoritariamente, apenas o rádio, acabou incorporando uma nova forma de comunicar e entreter. Logo, este elo audiovisual propiciou uma maior credibilidade à televisão, pois as pessoas ouviam e também eram disponíveis a elas as imagens, como meio de comprovar o que estava sendo dito, essa relação terminou sendo refletida também nos telejornais (TEIXEIRA, 2014).

O telejornalismo se beneficiou desse vínculo antes estabelecido pela televisão com o público, que está cada vez mais sólido e se espalhando para novos espaços. O jornalismo de tevê foi atingido pelos reflexos da tevê, que é o veículo que divulga a sociedade. Assim, a tevê tem mais um motivo para ser assistida: busca de atualização via telejornal (TEIXEIRA, 2014, p. 26).

Traçando uma linha do tempo desde os anos 1970, Silva (2016) resgata esforços midiáticos no Brasil, em que canais televisivos, como a TV Globo, Rede Bandeirantes, TV Manchete, TV Cultura e outros, através de documentários, reportagens, programas especializados etc., buscaram promover e veicular conteúdos de cunho ambiental. Ao selecionar o programa de televisão Nordeste Preservar e Viver, da Globo Nordeste, veiculado no Estado de Pernambuco, como objeto de estudo para a sua dissertação de mestrado, por exemplo, a autora admite que, embora haja certas contradições nos conceitos discursivos analisados, é importante reconhecer a tentativa do programa em aproximar a sociedade à temática ambiental.

O apelo às boas imagens, a construção de um discurso que se presta à educação ambiental, a riqueza de assuntos tratados, bem como o aprofundamento aplicado a muitos deles devem ser louvados, uma vez que ainda são poucas as iniciativas que se propõem a discutir a questão ambiental em vigor (SILVA, 2016, p. 100).

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.abap.com.br/wp-content/uploads/2021/06/pesquisa-brasileira-de-midia-2016.pdf>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.

<sup>8</sup> “A televisão brasileira foi inaugurada em 18 de setembro de 1950 com a TV Tupi-Difusora, emissora pertencente ao grupo Diários Associados, a maior empresa jornalística da época, liderada por Assis Chateaubriand” (TEIXEIRA, 2014, p.22)

A jornalista Eliane Lima (online) defende que o fato da população estar mais consciente acerca dos problemas ambientais esteja relacionado a uma alta na cobertura desempenhada pela mídia, levando em consideração que esse trabalho não é exercido unicamente pelos meios de comunicação, mas sim, ressalta ser um esforço conjunto associado às ONGs que prestam serviços ao meio ambiente e governos que demonstram preocupação com esta temática, ambos insatisfeitos com a degradação ambiental.

A mídia precisa ser cuidadosa nas várias nuances abordadas na proposta do desenvolvimento de uma pauta, principalmente, se for considerado o princípio de credibilidade agregado à confiabilidade que os cidadãos têm pelo que é transmitido nos telejornais, pois é fundamental que, para uma melhor assimilação pelas pessoas de como os problemas ambientais estão direta ou indiretamente ligados às suas vidas, não seja descartada a possibilidade de relacionar o fato ao dia-a-dia da população, ou seja, como isso pode interferir no cotidiano das pessoas (LIMA, online)

Considerando o que foi discutido e dada a sua crescente relevância, esta pesquisa projeta avaliar como o meio ambiente é encarado pelo Jornal Nacional, telejornalismo de longa data da emissora Rede Globo, partindo do principal critério da permanência ou não desta temática na grade do programa jornalístico e como ela é feita. O próximo capítulo empenha-se a esmiuçar como o estudo foi realizado e todos os processos metodológicos cabíveis ao contexto desta pesquisa.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Procedimentos metodológicos

O Jornal Nacional (doravante JN), veiculado na TV Globo, emissora consolidada em números de telespectadores no Brasil<sup>9</sup>, é classificado como o telejornal de maior audiência do horário nobre, segundo pesquisa divulgada pelo Kantar Ibope Media<sup>10</sup>. Para esta pesquisa, o estudo de caso foi adotado como método ao se analisar três semanas diferentes, duas compreendidas no mês de novembro de 2021 e uma delas em fevereiro de 2022, que serão justificadas mais a frente. Um roteiro de observação foi utilizado como meio de estruturar e ordenar a coleta dos dados e descrição do material, facilitando o cruzamento das informações dos períodos investigados. Ao aplicar o estudo de caso, é possível investigar “um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas” (YIN, 2001, p. 32 apud DUARTE, 2005, p. 216).

Esta pesquisa procura entender e relacionar o que alguns pesquisadores da área nos mostram referente aos conceitos que estão sendo traçados sobre o espaço dedicado à pauta ambiental na mídia - sobretudo na televisiva - inteirando-se do que se pode compreender sobre jornalismo ambiental. Sendo assim, o método exploratório-descritivo foi empregado neste estudo, pois a pesquisa exploratória fornece possibilidades de melhor assimilar as inquietações acerca do objeto estudado, investigando concepções já antes estruturadas por autores diversos a fim de contribuir com um levantamento de novas hipóteses e/ou encaminhar o pesquisador à

---

<sup>9</sup> De acordo com dados da própria Rede Globo, o sinal da emissora já alcança quase 100% de todos os telespectadores do Brasil, totalizando 204,3 milhões de brasileiros. Disponível em: <https://gente.globo.com/infografico-pesquisa-globo-relevancia-onde-voce-quiser/>. Acesso em: 01 de março de 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/audiencia-do-horario-nobre-15-mercados-27-12-a-02-01-2022/>. Acesso em: 01 de março de 2022.



reflexão e compreensão de conceituações já anteriormente discutidas; já o viés descritivo é necessário para caracterizar e relacionar as publicações do objeto a ser estudado (GIL, 2002).

A primeira e segunda semanas analisadas foram selecionadas tendo como premissa o fato de que as pautas relacionadas ao meio ambiente recebem maior destaque quando ocorre alguma situação que motive a inserção deste tipo de cobertura, como datas comemorativas que reflitam à temática, reuniões que tratam sobre as mudanças do clima, eventos extremos relacionados aos desastres ambientais e/ou publicação de importantes relatórios de divulgação científica referentes ao contexto socioambiental (COLOMBO; GUIMARÃES, 2014).

A primeira semana de programação do JN analisada ocorre simultaneamente à 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática (doravante COP-26)<sup>11</sup>, enquadrando-se nos dias 1 a 6 de novembro de 2021, de segunda à sábado. A segunda semana estudada está situada entre os dias 15 e 20 de novembro, onde, neste período, se dava por encerrada a COP-26. Já a terceira semana está mais distante do evento, ela compreende os dias 7 a 12 de fevereiro de 2022 e foi escolhida mediante um cenário em que não se registra a ocorrência de qualquer grande acontecimento que impulse a pauta ambiental para o noticiário.

A escolha da primeira semana reflete a intenção da autora em analisar se o JN, motivado pela realização da COP-26, produziu um maior número de pautas ambientais em comparação aos demais períodos seguintes observados. A segunda semana foi selecionada a fim de averiguar se o JN continuou com as pautas ambientais, mesmo após o término da conferência, ou se a cobertura entrou em fase de declínio. Desprezado de qualquer grande acontecimento que impulse as pautas sobre meio ambiente, o período equivalente à terceira semana serve para verificar se o JN tem preocupação em veicular esta temática. Por fim, também pretende-se analisar a quantidade de espaço dedicado às pautas ambientais, ao cruzar os dados dos períodos observados, e de que forma ela é feita, independente do tema abordado, resgatando aspectos conceituais básicos do jornalismo ambiental. Vale salientar que os quadros relativos à previsão do tempo não serão considerados por se tratarem de um formato diário fixo no JN.

A coleta de todo o material para esta pesquisa foi feita a partir do catálogo armazenado e disponível na plataforma de serviços *streaming* da Rede Globo, a Globoplay<sup>12</sup>, através de um roteiro de observação (ver apêndice), a fim de nortear este estudo, propondo uma organização na análise pretendida. Mas antes de qualquer demonstração, na prática, sobre as hipóteses mencionadas, se faz necessário uma breve contextualização sobre o objeto de estudo da presente pesquisa.

#### **4.1.1 Breve história do Jornal Nacional**

Considerado o primeiro telejornal brasileiro a ser transmitido em rede para todo o país, o Jornal Nacional possui longas décadas de atividades, desde a sua estreia, em 1 de setembro de 1969, na Rede Globo. O JN surgiu com a proposta de disputar a audiência com o Repórter Esso, da TV Tupi:

Logo na estreia, uma inovação no script despertou o interesse do telespectador. Enquanto o Repórter Esso deixava a notícia mais impactante para o fim, o JN abria com informações “quentes”, o factual. Os editores criaram também o “boa noite”, uma espécie de despedida dos apresentadores com textos e reportagens leves, poéticas ou pitorescas (GLOBO, online).

<sup>11</sup> Sediada em Glasgow, na Escócia, a conferência transcorreu entre os dias 31 de outubro a 13 de novembro de 2021.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/>. Acesso em: 09 de março de 2022.

Já passaram pela bancada do JN vários apresentadores/jornalistas, onde presenciaram os avanços tecnológicos, de suas respectivas épocas, sendo refletidos na identidade visual do telejornal e na maneira de se fazer jornalismo. Atualmente, a dupla de apresentadores composta por William Bonner e Renata Vasconcellos está responsável por assumir a missão de transmitir as principais notícias do Brasil e do mundo, embora haja aparições de outros jornalistas em dias pontuais. O Jornal Nacional é transmitido de segunda-feira a sábado, a partir das 20h30min, com uma média de 45 minutos de duração. O tempo de exibição e horário de início, às vezes, sofrem variações por conta de outros fatores, como notícias de grande importância que ocupam maior espaço e também edições mais curtas em dias de futebol.

Com quase 53 anos, o JN enumera ao todo 13 prêmios recebidos ao longo de sua existência, sendo um deles o Prêmio Emmy Internacional, recebido em 2011, após a cobertura feita sobre operações policiais que aconteceram no Rio de Janeiro, em 2010, situadas na Vila Cruzeiro e no Complexo do Alemão.

## **4.2 Apresentação, descrição e análise dos dados**

### ***4.2.1 Primeira semana (1 a 6 de novembro de 2021)***

Neste momento inicial de verificação, foi percebida uma presença considerável das pautas ambientais, com edições que chegaram a possuir 4 pautas de diferentes encaminhamentos, resultando no total de 18 diferentes conteúdos, que se dividem em reportagens, notas cobertas/peladas<sup>13</sup> e pequenos noticiários. A semana foi marcada por um começo mais denso e sendo finalizada com tópicos mais breves<sup>14</sup>, a maioria tendo relação direta com a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, sendo possível caracterizá-las como matérias de continuidade. Seja para informar sobre as discussões e acordos que estavam sendo firmados nos diversos momentos da COP-26 ou apenas para falar sobre as manifestações em prol do meio ambiente dos jovens ativistas, este assunto foi pautado pelo JN em todos os dias de exibição do telejornal na primeira semana.

Saindo de Glasgow, na Escócia, é possível perceber diferentes assuntos abordados pelo telejornal ao longo do primeiro recorte semanal analisado, como chuvas que caíram em pontos estratégicos, influenciando o aumento no nível dos reservatórios, principalmente aqueles situados ao redor de usinas hidrelétricas; noticiário factual sobre a morte de bombeiros devido ao desabamento de uma gruta; consequências da utilização das usinas termelétricas, que foram ativadas devido a situação de crise hídrica acentuada vivida pelo país meses atrás, como a conta de luz mais cara afetou a rotina do consumidor e, dessa maneira, a economia nacional. Também foram divulgados os resultados de algumas pesquisas, uma apontando que a Amazônia é o bioma mais prejudicado por conta da expansão desordenada e sem planejamento dos centros urbanos, a outra evidenciando que a Floresta Amazônica alcançou um nível recorde em desmatamento no mês de janeiro de 6 anos. Além de rápidas informações sobre as vítimas da tragédia em Mariana, que ainda estão no aguardo por novas moradias.

Como foi mencionado acima, a ocorrência da COP-26 ocupou no JN um maior espaço em relação às demais pautas ambientais, durante toda a semana. Chama atenção a edição da terça-feira, dia 2 de novembro, tanto pela abordagem como também o tempo no ar, em que 3 reportagens que se complementam, ocuparam quase 18 minutos de um telejornal com duração

<sup>13</sup> As notas peladas são as informações lidas pelo apresentador sem o apoio de imagens. Já as notas cobertas são constituídas pela fala do apresentador sustentada por imagens, sejam elas estáticas ou em movimento.

<sup>14</sup> Os dias 5 e 6, que correspondem à sexta-feira e sábado respectivamente, foram marcados pela ampla cobertura relacionada ao falecimento e trajetória da cantora Marília Mendonça. Logo, entende-se que não foi possível um melhor rendimento à cobertura do JN em meio ambiente, objetivo desta pesquisa.

de 45 minutos e 31 segundos para aquele dia. Apenas uma das reportagens já contabilizava 8 minutos, considerado um tempo muito extenso para uma matéria de um jornal de televisão.

A primeira reportagem deste dia ocupa-se em informar sobre os principais acordos internacionais como resultado do último dia de reuniões em que participaram os chefes de Governo, com mais de 100 líderes: o primeiro diz respeito à redução e encerramento das práticas do desmatamento e o outro, para reduzir as emissões do gás metano. Diante disso, têm-se explicações sobre este tipo de gás, como ele afeta o meio ambiente, as vantagens da sua erradicação e que o Brasil pode alcançar esta meta, através de estratégias de adaptações para a pecuária. Também foi falado sobre o impacto das ações humanas nos territórios indígenas e como isso afeta as populações que ali habitam, através de uma representante dessa comunidade. Também foi mencionada a importância dos povos originários para a conservação das florestas e o apoio em dinheiro que irão receber. Por fim, é salientado que o atual presidente do Brasil assumiu o compromisso com a preservação das florestas e que o mercado é um fator chave para pressioná-lo.

Iniciando a segunda abordagem, o enfoque não é mais o mundo externo, mas como o Brasil está posicionado no meio de toda esta discussão, onde ambientalistas aprovam a adesão do país aos acordos, mas que é preciso ter resultados práticos do seu cumprimento. Informam que o agronegócio é o principal responsável desta emissão, com 71,85% do total, através do sistema digestivo do gado. Há a divulgação de dados sobre o desmatamento da Amazônia e que há metas, pelo Ministério do Meio Ambiente, para coibir esta ação, porém sendo ressaltado por especialistas que a realidade política do Brasil acaba influenciando mais desmatamentos. É a terceira reportagem que, somada à cabeça da matéria<sup>15</sup>, totaliza 8 minutos e 2 segundos de produção, detém-se em tratar sobre algumas iniciativas brasileiras que contribuem com a redução dos impactos das mudanças do clima, como sistemas de alerta e previsão de eventos meteorológicos extremos e caminhos aliados à ciência e tecnologia na contenção dos efeitos negativos da pecuária.

Também foi veiculada uma matéria que informa acerca de um estudo divulgado pela Confederação Nacional da Indústria sobre o prejuízo para o Brasil, no ano de 2021, devido ao aumento na conta de luz, consequência do uso das termelétricas. Pessoas comuns são entrevistadas para mostrar como está sendo o dia-a-dia por conta do aumento no valor da conta de luz e especialistas explicam como a economia é impactada. Um dos exemplos: se o custo da produção está caro e ela acaba sendo reduzida, motivada pela alta taxa da conta de luz, a necessidade de mão-de-obra diminui, isso afeta diretamente a oferta dos postos de trabalho, que caem, conseqüentemente, as pessoas, que já estão pagando alto pela energia, deixam de comprar produtos, e isso prejudica a rotatividade do mercado. Em outra reportagem, é ressaltada a continuidade na adoção das medidas restritivas, garantindo o uso das termelétricas por mais um tempo, pois o ano de 2022 é incerto e é preciso recuperar o nível dos reservatórios, que ainda estão baixos. Ou seja, por enquanto, o apoio das usinas permanecerá.

#### **4.2.2 Segunda semana (15 a 20 de novembro de 2021)**

É possível identificar a ocorrência das pautas ambientais em todos os dias de exibição do telejornal no segundo período de análise. Dentre elas, assuntos relacionados à descoberta de uma nova espécie de dinossauro, desmatamento na Amazônia e alegações do presidente a respeito da floresta, projeto para plantio de árvores da cidade de Goiânia, medidas de combate ao mosquito *aedes aegypti*, chuvas que alimentaram o Rio São Francisco, ataques de tubarão e eclipse lunar.

---

<sup>15</sup> Texto lido pelo apresentador que introduz a matéria.

A reportagem que concerne ao mosquito está mais para explicar as consequências da picada do inseto, regiões brasileiras mais afetadas pela dengue (Centro-oeste) e *chikungunya* (Nordeste), atitudes básicas que podem ser feitas para evitar a propagação do mosquito e comunicar sobre a volta dos agentes de saúde para fiscalização diretamente das residências, após o início da pandemia. e estratégias para facilitar o trabalho.

Outra pauta que chama atenção é dada através dos dados divulgados pelo Programa de Monitoramento da Floresta Amazônica Brasileira por Satélite (Prodes), vinculado ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), em que o Governo Federal divulga estudos que apontam o crescimento da taxa de desmatamento na Amazônia Legal, o maior desde 2006. Embora o relatório do INPE tenha sido produzido no dia 27 de outubro e na mesma ocasião já estava pronto para a divulgação, segundo apuração do Jornal Nacional, o Ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite, informou que soube sobre ele apenas no dia da entrevista coletiva, quase um mês depois. O Observatório do Clima alega que a demora na divulgação muito provavelmente está relacionada com a realização da COP-26, na Escócia, para não piorar a imagem do Brasil no exterior no enfrentamento ao desmatamento. Especialistas dizem que o problema ocorre devido ao afrouxamento nas políticas públicas de combate aos crimes ambientais. O repórter informa que é a terceira alta consecutiva no Governo Bolsonaro e a primeira vez que essa taxa cresce em quatro anos seguidos, desde o início das medições, em 1988. O Coordenador do MapBiomas alerta para as consequências desse desastre, com impactos para a agropecuária e geração de energia elétrica, ressaltando a emergência do assunto, pois a segurança dos brasileiros corre riscos.

No dia seguinte, esse assunto é pautado novamente, agora com uma matéria de 7 minutos e 32 segundos, agregando novas informações, como a diminuição no número de aplicações de multas para coibir crimes ambientais e queda acentuada de fiscais para dar conta do trabalho em todo o território brasileiro. Devido ao atraso na demora da publicação do relatório do INPE, especialistas alegam desgaste do Governo pela falta de transparência e alertam que se o desmatamento continuar nessa velocidade, a Floresta vai perder a capacidade de se regenerar, lembrando que será impossível alcançar as metas do Acordo de Paris.

Em outro material é mostrado para os telespectadores o contexto em que se dá o projeto para reflorestar certas áreas de Goiânia, com uma bióloga pontuando no final que a árvore é um equipamento público de bem estar, pois, além de promover conforto térmico e filtrar partículas de poluição, ainda traz beleza visual para a cidade, podendo ajudar psicologicamente as pessoas. Na matéria sobre dois ataques de tubarões no litoral paulista em menos de 15 dias, que são raros, um biólogo e professor da Unesp afirma que, nesses casos, é preciso verificar influências externas, como as mudanças climáticas, fatores oceanográficos, temperatura etc., para entender o motivo do ataque naquela região.

Num outro dia observado, também foi ao ar uma reportagem sobre uma expedição científica realizada no Rio São Francisco, em sua 4ª edição, que faz análises para verificar a qualidade da água do rio e das espécies que ali vivem, procurando soluções para os problemas encontrados, como despejo de esgoto urbano, lixo e sobras de agrotóxicos. Juntamente às prefeituras, a equipe responsável pela expedição também contempla o planejamento de ações que buscam acabar com estes transtornos, logo, acaba influenciando de forma positiva as escolas municipais, situadas às margens do rio, na promoção de aulas de educação ambiental para crianças do ensino fundamental e construção de fossas ecológicas nesses espaços.

Dos seis dias deste segundo período de observação, os 3 primeiros dias da semana têm em comum a cobertura da situação do povo indígena Yanomami, no Estado de Roraima, a partir de uma reportagem especial exibida pelo Fantástico (programa dominical tradicional da Rede Globo). Basicamente, o caso começou a partir desta denúncia jornalística, em que ficou comprovada a precarização sanitária vivida por estas comunidades indígenas, causada principalmente pela exploração ilegal da floresta e falta de assistência médica por parte das

autoridades de saúde, onde as crianças eram as mais afetadas, com casos de desnutrição crônica, malária e pneumonia. Esse quadro de saúde é indicativo da atividade frequente dos garimpeiros ilegais, que espantam, segundo os indígenas, a caça e a pesca e contaminam os rios com mercúrio. Há fiscalização da polícia federal, mas novos acampamentos de garimpeiros surgem toda semana. Não há estrutura digna para atender os indígenas, faltam remédios e também há demora nos atendimentos. Com isto, começam a surgir novos desdobramentos, com a divulgação de estudos e também as autoridades são consultadas para se posicionar sobre o caso, entre as fontes estão o Ministério Público Federal, Secretaria Especial Indígena, Ministério da Saúde, Fiocruz, Polícia Federal, Ibama, Funai, dentre outros.

No tempo de análise, o JN também exhibe uma chamada para a próxima edição do Fantástico, entre todas as pautas que serão abordadas na programação do domingo, também será transmitida uma matéria em que satélites apontam o crescimento do desmatamento em locais onde vivem indígenas isolados no meio da Amazônia.

#### ***4.2.3 Terceira semana (7 a 12 de fevereiro de 2022)***

A segunda-feira, 7 de fevereiro, foi o dia com a maior quantidade de pautas ambientais da semana, 4 no total, ocupando 10 minutos de uma edição com duração completa de 48 minutos e 15 segundos, que vão desde a preservação de espécies até a avaliação de políticas públicas ambientais, perpassando também pela geração de empregos a partir do agronegócio.

Uma delas explica sobre o esforço conjunto entre moradores e funcionários de uma empresa de energia para preservar a Arara-azul-de-lear, uma ave que só pode ser encontrada no nordeste da Bahia, mais especificamente em cinco municípios da Caatinga, com estimativa de que existam apenas 1500 indivíduos restantes. Acontece que várias mortes foram registradas, com suspeita de choque elétrico, através da fiação de energia dos postes. Autoridades foram acionadas e houve a modificação dos fios nos postes, ampliando o espaço para evitar que a ave se torne um condutor de um fio para outro e também a utilização de coberturas isolantes. Também houve uma nota coberta sobre o nascimento de cisnes negros, espécie nativa da Austrália. Outra matéria veiculada informa a respeito da ampliação, em 2021, do número de empregos formais na agropecuária, principalmente da região Centro-oeste, que é a maior produtora rural do país, onde o cenário poderia ser melhor, caso houvesse um maior percentual de profissionais qualificados.

Saindo do campo e trazendo assuntos do contexto urbano, o JN exibiu uma reportagem, informando que o Marco Legal do Saneamento Básico, vigente desde julho de 2020 no Brasil, abriu mais espaços para que empresas privadas do ramo de água e esgoto façam investimentos. Porém, atualmente, os dados revelam que apenas 84% das pessoas têm água e 55% possuem rede de esgoto, ou seja 97,2 milhões de brasileiros ainda vivem sem coleta de esgoto e 36,3 milhões não têm água tratada, quando a lei prevê que até 2033, haja 99% dos cidadãos com acesso à água potável e 90% coleta e tratamento de esgoto. Também foram ditas outras informações sobre a lei.

Na única reportagem relacionada ao meio ambiente, que foi ao ar na terça-feira, foi mostrada a situação da Lagoa do Peixe, que perdeu grande parte de suas águas e milhares de peixes foram mortos, também por conta da falta do vento sul, que empurra a água do mar para dentro da lagoa. O problema ocorreu no Estado do Rio Grande do Sul, que enfrenta um longo período de estiagem. Embora o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) afirme que a situação esteja praticamente normalizada, o prefeito da cidade de Mostardas aponta a perda da água e prejuízo de 100% da safra de peixes, chegando a 5 milhões de reais. Dois pescadores também falaram dos transtornos provocados pela falta de chuva. Estima-se que uma tonelada e meia de peixes foram perdidos. Um especialista explicou que a morte dos peixes afeta a rota migratória das aves, que se abastecem deste alimento.

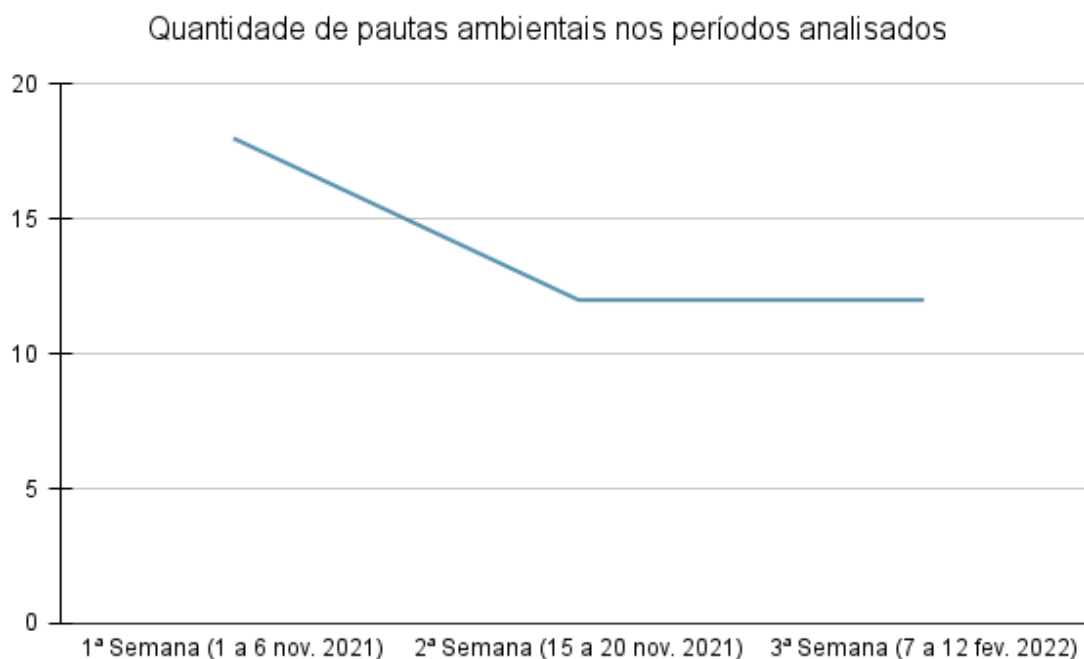
Nos demais dias da semana, as pautas variam de uma a duas por edição do telejornal. Na quarta-feira, um dos temas tratados foi sobre a flexibilização do controle de agrotóxico aprovada pela Câmara dos Deputados, com mudanças no que diz respeito à produção, importação, distribuição e venda de agrotóxicos no Brasil, trazendo a opinião da frente parlamentar da agricultura, em que denominam tal mudança como progresso, e também o chamado pacote do veneno, termo utilizado por ambientalistas. Outra matéria discutiu a relação do aumento considerável de chuvas em certas áreas, havendo perda da safra, com a alta no preço dos alimentos, apresentando dados do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), em que a inflação do mês de janeiro é a maior em seis anos, e exemplos de consumidores que precisam filtrar os gastos, afetando inclusive o ensino público/privado escolar.

O assunto acima acabou servindo de gancho para a reportagem exibida na quinta-feira, pois voltaram a falar da inflação como reflexo, em partes, dos problemas climáticos, estiagem no Sul, com perdas que podem chegar até 70% e muita chuva, a exemplo de Tocantins e Bahia, que afogou os campos de plantio, mas que, apesar disso, ainda se espera safra recorde de grãos, principalmente pelo equilíbrio climático registrado no Centro-oeste, beneficiando a soja. Também foi discutido como o preço dos alimentos no mercado são impactados por estes fenômenos meteorológicos.

Na sexta-feira, os encaminhamentos dados às duas reportagens acabaram se complementando, pois a primeira discute aspectos relacionados ao recorde no desmatamento da Amazônia no mês de janeiro, divulgado pelo INPE, com informações e evidências que associam este problema ao desmonte de políticas públicas ambientais, queda drástica no número de fiscais, além da postura do presidente da república. A segunda reportagem trata de um estudo publicado, apontando as áreas estratégicas da Amazônia que devem ser reflorestadas primeiro, pois o custo é menor, com maior retirada de gás carbônico (CO<sub>2</sub>) da atmosfera e a proteção da biodiversidade é mais barata. Um outro ponto positivo é a geração de 132 bilhões de reais em receitas nessas áreas, que representam 10% do total da floresta desmatada, principalmente pelo oferecimento de dinheiro pelo mercado onde menos se emite GEE, além da geração de emprego e renda. O estudo também aponta soluções para que a pecuária deixe de ser a maior causa do desmatamento.

As duas pautas ambientais do sábado estão vinculadas à ocorrência de chuvas. Uma nota coberta sobre os transtornos causados pelo intenso volume de água que caiu na região metropolitana de Belo Horizonte e uma reportagem sobre a transformação visual no Rio São Francisco, um dos maiores do país, com a volta da chuva nos últimos meses, após cerca de 10 anos de seca. Além do destaque para o turismo, também foi abordada a importância para a proteção da biodiversidade, com o surgimento de mais espécies nativas, inúmeros berçários de peixes que, por sua vez, acabam contribuindo para alimentação e renda dos pescadores locais.

Na edição do sábado, o JN fez uma chamada para a transmissão de uma reportagem especial do Fantástico sobre o descarte do lixo têxtil e o que está se fazendo para diminuir o impacto ao meio ambiente, também indicaram que abordarão um crime de maus tratos aos animais e da continuidade a uma série documental sobre a vida animal.



#### 4.2.4 Análise dos períodos observados

A descrição das edições do Jornal Nacional a partir dos recortes das semanas acima descritas, possuem como finalidade uma explanação de forma mais geral sobre a abordagem do telejornal, acentuando alguns aspectos de relevância que ajudam a compreender a dinâmica das reportagens. Primeiramente, destaca-se o fato de que em todos os dias analisados houve a ocorrência de pelo menos uma pauta ambiental, ou seja, em maior ou menor número, o Jornal Nacional, seja em reportagens ou notas, levou ao público informações de cunho ambiental.

Em comparação aos demais períodos, houve um maior espaço dedicado ao tema na primeira semana, isso se explica principalmente devido à realização da Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática, na Escócia. Em algumas reportagens dos primeiros dias analisados, há o alerta para os riscos de aquecer ainda mais o planeta, como isso afetaria a Terra e as pessoas de todo o mundo, tecendo explicações referentes aos modelos econômicos atuais insustentáveis que agravam o problema, discussões acerca da nova meta brasileira para a redução dos GEE e as formas alternativas para mudar o cenário, ao se apropriar, sobretudo, de energias limpas e renováveis. Tem-se uma conexão entre os fatos, na busca para demonstrar como um aspecto interfere no outro, Girardi e colaboradores (2012, p.139) lembram que, ao se divulgar sobre as notícias ambientais, há possibilidade de “novas percepções sobre os impactos sentidos no dia a dia e serve como motivação para a busca de alternativas”.

Embora haja uma maior predominância de vozes de autoridades políticas e científicas, foi percebido que as reportagens buscam não apenas o posicionamento dessas pessoas, mas também o olhar minucioso dos que precisam do equilíbrio da terra para sobreviver, isto é, os indígenas, sendo possibilitada a ampliação do debate. A não fixação às fontes denominadas como oficiais, mas, sim, a abertura para a pluralidade de vozes, possibilita uma discussão mais democrática, permitindo que pessoas que vivem em determinado contexto possam contribuir com as decisões e soluções que afetam as suas próprias vidas (BUENO, 2007).

Este pressuposto do jornalismo ambiental foi equilibrado quando o Jornal Nacional trouxe reportagens de denúncias, nos primeiros dias da segunda semana analisada, sobre como os crimes ambientais provocados na Floresta Amazônica, atrelados à negligência em assistência sanitária pelas autoridades de saúde, estavam provocando várias doenças e óbitos na

comunidade indígena Yanomami, em Roraima. A equipe de reportagem trouxe a visão e opinião dos principais envolvidos nessa discussão, os índios Yanomami, com uma cobertura que durou a metade da semana. Porém, vale reforçar que este espaço destinado às várias vozes ainda não se equipara em todas as reportagens do telejornal.

Algumas das reportagens veiculadas apresentam fragmentação em sua cobertura, onde um certo encaminhamento acaba recebendo mais atenção, esquecendo de abordar outros fatores importantes. Por exemplo, na matéria que trata sobre a decisão da permanência na utilização das termelétricas pelas autoridades políticas, veiculada no dia 3 de novembro de 2021, poderia também ter sido abordada a não escolha do governo por soluções de energia limpa e renovável. Outra reportagem exibida e não contemplada com ampla contextualização, que foi ao ar no dia 4 de novembro de 2021, se refere ao crescente desmatamento devido à expansão sem estrutura das cidades, resultando no surgimento de loteamentos clandestinos e favelas. Não foram explicadas, por exemplo, quais medidas poderiam ser tomadas para evitar que isso aconteça ou até mesmo remover as pessoas destes locais, tendo em vista que muitas delas habitam locais com alto risco de deslizamentos.

Também houve um fechamento focal na matéria sobre o mosquito *aedes aegypti*, exibida no dia 15 de novembro de 2021. Sim, trouxeram informações sobre o inseto e as doenças causadas por ele, formas de prevenção e a importância do trabalho conjunto entre agentes de saúde e população, mas poderia ter sido inserida uma abordagem a partir da perspectiva dos impactos das ações humanas e aquecimento global, onde se propicia uma maior abertura para a disseminação de doenças transmissíveis, principalmente por mosquitos, ao se desmatar florestas e também devido ao aumento da temperatura global, já que o mosquito prefere climas mais quentes. Numa outra reportagem, no que se refere ao desmatamento na Amazônia, que bateu recorde em janeiro de 2022, as causas para este problema ambiental foram bem discutidas, porém as suas consequências, não. Estes exemplos citados servem para apontar a ausência de uma sistematização ampla das abordagens feitas.

Ser sistêmico, na prática, significa que o repórter precisa perceber o fenômeno principal da pauta associado a outros fenômenos, e que só assim, tentando perceber o todo, será capaz de apresentar de maneira aprofundada os problemas com causas, consequências e possíveis soluções. Daí também a necessidade de uma diversidade de fontes. A cobertura factual, no entanto, não dá conta dessa pluralidade de vozes e de uma visão sistêmica. Por isso o Jornalismo Ambiental prescrito deve ser praticado por meio de reportagens em profundidade (GIRARDI *et al* (2020, p. 283).

Nas reportagens referentes ao contexto da COP-26, a relação entre as causas do aquecimento global, consequências deste fenômeno e soluções para se reduzir os problemas que assolam o planeta foram bem explicadas, como mencionado anteriormente, inclusive apresentando iniciativas feitas no Brasil no intuito de limitar os impactos causados pelas mudanças do clima e também para o meio ambiente. Entretanto, houve certa carência em demonstrar estas soluções de forma mais tangível para o telespectador, ou seja, maneiras do cidadão comum em geral atuar para combater a emissão em massa dos GEE. Princípio este discutido pelo mini manual elaborado pelos Grupos de Pesquisa Estudos de Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e Jornalismo Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), destinado a orientar jornalistas a exercer uma cobertura para as mudanças climáticas com qualidade. Salienta-se, então, a importância em difundir informações sobre iniciativas feitas pelos próprios cidadãos

Levando em consideração que o marco prioritário das informações sobre as mudanças climáticas é majoritariamente político, existe uma tendência de informar de “cima para baixo”, desde os governantes ou dirigentes aos governados. É necessário que os



meios de comunicação visibilizem e favoreçam a difusão de iniciativas empreendidas ou lideradas de “baixo para cima” (AMARAL; LOOSE; GIRARDI, 2020, p. 18).

Esta perspectiva ficou mais palpável na reportagem que se ocupa em informar sobre o projeto de plantio de pequenas mudas, em Goiânia, atendo-se à importância de um local bem arborizado para contribuir com a qualidade de vida dos seres que habitam a região. Foi explorado como isso pode ser feito, ressaltando os benefícios atribuídos às árvores, como responsáveis por auxiliar na diminuição da poluição e manutenção e equilíbrio da temperatura local.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir e relacionar conceituações sobre o jornalismo especializado e jornalismo ambiental, mesmo sabendo que o jornalismo voltado para o meio ambiente extrapola à fragmentação de uma editoria, por possuir propriedades transversais e multidisciplinares, buscou-se resgatar as bases postas por diversos pesquisadores a fim de auxiliar numa visão mais ampla, procurando compreender de que forma o telejornalismo produzido pelo Jornal Nacional contribui para a exposição da pauta ambiental e como essa abordagem é feita.

Partindo da possibilidade deste ser um assunto não abordado com tanta frequência, foi constatado que, com um maior número de pautas ambientais que se caracterizam pela relação do meio ambiente com aspectos econômicos, gestão de políticas públicas ambientais, efeitos de fenômenos meteorológicos extremos, mudanças climáticas e crimes ambientais, principalmente o desmatamento ilegal, o Jornal Nacional demonstrou que, durante todas as edições, nas três semanas analisadas, o tema meio ambiente não foi engavetado e esquecido a fim de comunicar sobre outros assuntos. Como foi apontado durante a fase de cruzamento dos dados coletados, houve maior predominância no que diz respeito ao espaço destinado às pautas ambientais no primeiro período observado, justificado pela COP-26, e elas não se detiveram apenas em informar sobre a realização da conferência, conteúdos alternativos também foram veiculados. Diante destas colocações, é possível chegar ao entendimento de que conteúdos associados ao meio ambiente vêm assegurando seu lugar na programação do telejornal de maior audiência no Brasil.

É compreendido também que há certas diferenciações na forma de abordar estas pautas pelo JN. Ainda que algumas delas tragam uma perspectiva sistêmica e transversal, introduzindo concepções sobre causas, consequências e possíveis soluções, algumas matérias ainda são fragmentadas pela falta de amplitude focal e aprofundamento. Lembrando que a sistematização permite ao telespectador assimilar a interdependência entre o ser humano e a natureza, como o primeiro elemento age sobre o outro e vice-versa. O JA, mesmo que tenha seu direcionamento voltado para o meio ambiente, ainda alcança e se relaciona com outras editorias, como política, saúde, economia, etc., e é esse caráter que desperta na área ambiental a sua transversalidade.

Vale ressaltar também alguns pressupostos do jornalismo ambiental que precisam ser melhor incorporados para este tipo de cobertura, como o emprego de uma abordagem que evidencie em maiores proporções a relação dos assuntos tratados ao cotidiano do telespectador. Afinal, quando se tem um problema batendo à sua porta, é mais fácil tomar iniciativas para transformar comportamentos.

Entretanto, é importante pontuar que, apesar das zonas ainda restritas, o fato de que o bom jornalismo ambiental está conseguindo alcançar, aos poucos, esses espaços (alguns exemplos foram citados a partir da análise dos dados), é parte, especialmente, do esforço de jornalistas que se comprometem à favor da vida, em pregar a relevância do meio ambiente e emergência da sua preservação, e possuem um papel fundamental ao contribuir para a mudança de uma nova percepção de pensamento, a quebra de um paradigma para uma nova realidade, sendo possível o despertar de uma recém construída consciência ambiental. Isso tudo após um

histórico marcado por uma cobertura caracterizada apenas pela pontualidade e factualidade, atribuído a um jornalismo mais generalista, sem buscar a compreensão dos fatos ou a sua interpretação.

Durante algumas discussões propostas neste trabalho foi destacada a importância do pensamento crítico e papel do jornalista para dar conta de uma abordagem ambiental alicerçada pelos conceitos defendidos pelo JA. A partir disto, é importante que a academia reconheça também a emergência do debate, incorporando aos cursos de comunicação/jornalismo disciplinas que reflitam sobre os pressupostos epistemológicos do jornalismo ambiental e preparem os futuros jornalistas para encarar estes desafios vigentes, onde há a necessidade de mais profissionais capacitados e qualificados.

Assim, pretende-se que esta pesquisa sirva como mais um apoio acadêmico-científico às bases de trabalho que afirmam e pregam a importância de um jornalismo ambiental praticado com qualidade. Pois, através de um maior aprofundamento e incluindo perspectivas de telejornais de outras emissoras, é possível mapear de forma mais integral o andamento da cobertura jornalística ambiental praticada pela imprensa brasileira.

## REFERÊNCIAS

AUDIÊNCIA do horário nobre – 15 Mercados – 27/12 a 02/01/2022. **Kantar Ibope Media**, 2022. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/audiencia-do-horario-nobre-15-mercados-27-12-a-02-01-2022/>. Acesso em: 01 de março de 2022.

BARBOSA, Marialva Carlos. Nelson Traquina e as pesquisas em jornalismo no Brasil. *In*: CUNHA, I. F.; CABRERA, A.; SOUSA, J. P. (Orgs). **Pesquisa em Media e Jornalismo**. Labcom, 2012, p. 12-25.

BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, *online*, vol. 6/ nº 2, jul./dez. 2017.

BELMONTE, Roberto Villar. **O jornalismo ambiental: Três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso**. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2020.

BUCCI, Eugênio. A síndrome da auto-suficiência ética. BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BUENO, Wilson da Costa. Imprensa e Mudanças Climáticas no Brasil: fontes hegemônicas e pouca atenção aos conceitos. **Razón y Palabra**, *online*, n. 84, set./nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_. Jornalismo especializado: resgatando conceitos e práticas. *In*: BUENO, W. da C.; SANTOS, M. dos (Orgs.). **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015. p. 279-301.

COLOMBO, Macri Elaine. Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social. *In*: **Intercom – Sociedade Brasileira De Estudos Interdisciplinares Da Comunicação**, XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Artigo Científico. Manaus: p. 01-11.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXIII; INTERCOM. 2010, Caxias do Sul. COLOMBO, M E. Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVII; INTERCOM. 2014. Foz do Iguaçu. PR. GUIMARÃES, C. F M.; COLOMBO, M. E. Jornalismo, meio ambiente e Amazônia: reflexões sobre a importância do tema a partir da graduação e a interdependência com a ciência.

DIAS, Edson dos Santos. Os (des)encontros internacionais sobre meio ambiente: da Conferência de Estocolmo à Rio+20 - expectativas e contradições. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 39 v. 1, p. 06-33, jan./jun. 2017.



Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/>. Acesso em: 12 de março de 2022.

NOVAES, Washington. **A década do impasse: da Rio-92 à Rio+10**. São Paulo: Estação Liberdade: Instituto Socioambiental, 2002.

REI, Fernando Cardozo Fernandes; GONÇALVES, Alcindo Fernandes; SOUZA, Luciano Pereira de. Acordo De Paris: reflexões e desafios para o regime internacional de mudanças climáticas. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 14, n. 29, p. 81-99, mai./ago. 2017.

“RELATÓRIO” do IPCC é um código vermelho para a humanidade”. **ONU News**, 9 de agosto de 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/08/1759292>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2022.

RELATÓRIO do IPCC prova “o fracasso da liderança global sobre o clima”. **ONU News**, 28 fev. 2022. Clima e Meio Ambiente. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/02/1781142>. Acesso em: 14 de março de 2022.

SILVA, Eutalita Bezerra da. **Meio ambiente no Telejornalismo: Efeitos de sentido sobre preservação no Nordeste Viver e Preservar**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

SUSTENTÁVEL, Papo. "A mídia deve ser o norte da bússola", diz Trigueiro. Youtube, 5 out. 2011. (1 vídeo) 9 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pvm8cQGSrcY>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.

TAVARES, F de M. B. A especialização jornalística como teoria e objeto: contornos e limites. **Revista Comunicação Midiática**, v.7, n.1, p.96-116, jan./abr. 2012.

TEIXEIRA, Antonio Carlos. Em nome do bem comum: a comunicação como meio para ampliar e valorizar ações de conscientização socioambiental. **Razón y Palabra**, online, n. 79, mai./jul. 2012.

TEIXEIRA, Taís Garcia. **Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social**. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, por que as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? Set. 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 29 de janeiro de 2022.

VILAS BOAS, Sergio (Org.). **Formação e informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo, SP: Summus, 2004.

VILLAR, Roberto. Jornalismo Ambiental - Evolução e Perspectivas. **AgirAzul na Rede**. Campo Grande, 1997. Disponível em: <https://www.agirazul.com.br/artigos/jorental.htm>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2022.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista Famecos**, Porto Alegre, nº 40, p. 77-83, dez. 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6321>. Acesso em: 31 de março de 2022.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ANÁLISE

### JORNALISMO E MEIO AMBIENTE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA SISTÊMICA E DE CONTINUIDADE NO JORNAL NACIONAL

#### ROTEIRO DE ANÁLISE GERAL DO TELEJORNAL

Data de exibição do telejornal	
Dia da semana	
Tempo de duração total	
Quantidade de pautas ambientais	
Tema das pautas	
Chamada de conteúdo sobre meio ambiente que será veiculado em outro programa da emissora	

#### ROTEIRO DE ANÁLISE DA PAUTA

Tema	
Entrou na escalada	
Tipo de material	
Duração completa	
Descrição do conteúdo	
Em caso de problemas ambientais de ordem natural/mudança do clima/ação antropogênica, houve reflexão causa - consequência - solução sobre a situação	

## AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de começar este momento fazendo um agradecimento especial e inusitado. Sou profundamente grata à Clara do passado. Sim, essa menina-mulher forte, corajosa, insegura, amável e que, apesar de todas as incertezas e dificuldades, não desistiu, fazendo com que esta Clara do presente chegasse até aqui. Muito obrigada, meu girassol!

Painha e mãinha, eu sei que não foi fácil conciliarmos esta nossa rotina para dar conta de tudo, da casa, dos trabalhos, dos estudos etc., vocês dois, que sempre estiveram presentes na minha vida, compartilhando alegrias e tristezas, conquistas e derrotas, obrigada por me permitirem ir descobrindo o mundo, pouco a pouco, trilhando meu próprio caminho e sempre me guiando durante todo este processo. Madruga e Gilma, vocês são as minhas joias raras e meu porto seguro. Obrigada por serem os melhores pais do mundo!

À minha querida e caçula irmã, Heloisa, obrigada por estar ao meu lado, me apoiando e me fazendo perceber que ter uma irmã como você faz a vida ter mais sentido!

Aos meus professores de música, Regina e Jonas Sampaio, obrigada por todo apoio e incentivo aos estudos, principalmente relativos à área musical. Vocês, que me aconselham, acolhem e promovem o meu relacionamento com o mundo musical de uma maneira sem precedentes. Da mesma forma, obrigada, Dani, por tornar as aulas mais divertidas, principalmente durante este momento da pandemia de Covid-19.

À minha professora, orientadora, amiga, conselheira e psicóloga, obrigada! Verônica, a pessoa responsável por me nortear durante todo o processo da pesquisa científica, tem a minha profunda admiração, respeito, carinho e uma gratidão tão gigantesca que não cabe no meu peito. Obrigada por suas orientações, seu carinho e ternura. Conseguimos, finalmente!

Aos meus fofos e queridos amigos, Estéfane, Charlie, Stella e Teresa, o que seria de mim sem vocês durante este percurso difícil? Obrigada pela amizade e consideração. Sou grata por tê-los ao meu lado, independentemente da ocasião.

Um agradecimento especial aos meus familiares e demais amigos, por todas as palavras de incentivo, ensinamentos e direções a respeito da vida.

Aos professores e amigos da turma de jornalismo, muito obrigada por toda a ajuda possível ao longo destes anos de curso.

E é ao som do meu grupo musical pop global preferido, os melhores e inesquecíveis, *Now United*, que eu finalizo este momento. Mas não sem antes agradecer ao meu cachorro, Charles Brown, por me fazer ser mãe de pet e proporcionar momentos inesquecíveis ao seu lado, presente na minha vida desde a infância de ambos. Obrigada por ser o melhor cachorro do mundo!